

Fall 2019

## Missionários Espiritanos como Precusores da Teologia da Inculturação na África Ocidental

Bede Uche Ukwuije

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

---

### Recommended Citation

Ukwuije, B. U. (2019). Missionários Espiritanos como Precusores da Teologia da Inculturação na África Ocidental. *Horizontes Espiritanos*, 14 (14). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol14/iss14/13>

This Soundings is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.



Bede Uche Ukwuije, C.S.Sp. Bede Uche Ukwuije, C.S.Sp., é primeiro assistente a superior geral e membro do conselho teológico da união dos superiores gerais de Roma. Ele tem um doutorado em teologia (Th.D) do Instituto Católica de Paris e Phd em teologia e estudos religiosos da faculdade católica de Leuven, Belgica. Ele era diretor de formação na Escola Internacional Espiritana em Attakwu, Enugu, (SIST) e professor de teologia sistemática tanto em SIST e Instituto Católica de Paris. Missionário em França por doze anos, ele era capelão estudantil na faculdade de Rennes 2 e dos migrantes Africanos nas dioceses de Rennes e Nanterre.

*Traduzido do inglês pelo P. Alberto Coelho, C.S.Sp. Lisboa*

## MISSIONÁRIOS ESPIRITANOS COMO PRECURSORES DA TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO NA ÁFRICA OCIDENTAL: COM PARTICULAR REFERÊNCIA À TRADUÇÃO DE DOCUMENTOS DA IGREJA PARA AS LÍNGUAS VERNÁCULAS

### Introdução<sup>1</sup>

Estudos recentes baseados em documentos disponíveis nos arquivos das congregações missionárias têm ajudado a conseguir a uma apreciação positiva do contributo dos antigos missionários para o desenvolvimento das culturas Africanas.<sup>2</sup> Esta minha apresentação concentrar-se-á no trabalho feito pelos Espiritanos em alguns países da África Ocidental, especialmente na confecção de dicionários, gramáticas, traduções da Bíblia e de documentos da Igreja para as línguas vernáculas. Contra o preconceito muito em voga de que os primeiros missionários destruíram as culturas Africanas (a teoria da *tabula rasa*), este trabalho vai defender que, apesar das suas limitações, os primeiros missionários foram os precursores do que hoje se conhece como teologia da inculturação. A reflexão pretende, por um lado desafiar os peritos universitários africanos a atualizarem a sua interpretação da história desse empreendimento missionário pioneiro e, por outro, desafiar os atuais missionários africanos a prosseguirem o trabalho da inculturação do Evangelho nos diversos contextos missionários.

A reflexão consta de três secções. A primeira define os limites problemáticos e históricos da pesquisa. A segunda apresenta amostras de trabalhos realizados pelos Espiritanos na área da linguística e na tradução dos documentos da Igreja em alguns países da África Ocidental- Senegal, Nigéria, Ghana, Serra Leoa. Finalmente a terceira secção apresenta uma reflexão teológica sobre o trabalho de tradução realizado pelos Missionários Espiritanos. O objetivo é mostrar que os missionários Espiritanos contribuíram não somente para o desenvolvimento da identidade cultural e para o legado dos povos por eles encontrados na África Ocidental, mas ainda iniciaram o que hoje se conhece como Teologia da Inculturação Africana.

## 1. Problemática e Delimitação do Tema

### *Período Estudado*

O período por nós estudado compreende os séculos XVIII e XIX, desde a chegada dos primeiros Espiritanos à Costa Ocidental Africana, no Senegal, em 1779, até ao fim do Concílio Vaticano II, em 1965. Escolhemos esse período por ser um período desconhecido de muitos historiadores. A maior parte dos documentos produzidos por estes primeiros missionários- dicionários, Bíblias, Catecismos, livros de cânticos que permitiram depois o aparecimento de outros mais modernos- não se podem encontrar no Mercado nem mesmo nas livrarias das congregações religiosas ou dioceses da África Ocidental Africana. Encontram-se principalmente nos arquivos das congregações na Europa. A nossa pesquisa teve lugar em três arquivos principais de duas congregações, as maiores<sup>3</sup>, que iniciaram a evangelização da África Ocidental, ou seja, os Arquivos gerais de Chevilly-Larue, França, os Arquivos Espiritanos na Irlanda e os Arquivos Gerais da Sociedade das Missões de África (SMA) em Roma.

*Encontram-se principalmente nos arquivos das congregações na Europa*

Além disso, é enriquecedor descobrir como o trabalho realizado por estes missionários preparou o Concílio Vaticano II. Depois do Concílio Vaticano II, os missionários estrangeiros, foram substituídos em grande parte pelo clero indígena, que eles mesmo tinham formado. Na Nigéria, por exemplo, a expulsão, em 1971, dos missionários estrangeiros, dos quais a maioria eram espiritanos, ou Irmãos do Santíssimo Rosário no fim da Guerra do Biafra-Nigéria, marcou o fim da aventura missionária na Nigéria, do século XIX e XX. Seria interessante saber, ainda, como o trabalho que estes primeiros missionários iniciaram foi prolongado e até aperfeiçoado pelo clero indígena, diocesano e religioso.

### *Mais além da Teoria da Tabula Rasa*

Por razões ligadas com a luta pela emancipação do colonialismo, os historiadores inventaram a teoria da *tabula rasa*, segundo a qual os missionários ocidentais destruíram a cultura indígena. A honestidade intelectual exige que os erros e os preconceitos culturais dos primeiros missionários sejam reconhecidos e criticados. No entanto, algumas afirmações baseadas em tomas de posição dos missionários com relação às práticas culturais, como a religião tradicional Africana, a poligamia, a consecução de títulos, etc. dão a impressão de que esses missionários não deram nenhuma contribuição positiva para o desenvolvimento da cultura indígena<sup>4</sup>.

*a teoria da tabula rasa, segundo a qual os missionários ocidentais destruíram a cultura indígena*

Uma retrovisão aberta e compreensiva do legado dos primeiros missionários é *conditio sine qua non* para a renovação do zelo missionário na presente geração de missionários<sup>5</sup>. Tal exercício será mais frutuoso se, deixando de lado as teorias sobre os missionários, nos interrogarmos: O que é que, na verdade fizeram os missionários<sup>6</sup>? Nesta perspectiva, nós podemos ganhar uma visão diferente sobre o contributo dos missionários espiritanos para o desenvolvimento das culturas na África Ocidental como prelúdio do trabalho da inculturação.

### ***Inculturação***

Temos de evitar anacronismos, aqui. A palavra “inculturação” data de 1962 quando um jesuíta francês, P. Jean Masson, apelou por “*um catolicismo inculturado*”. Mas foram precisos pelo menos quinze anos para que a palavra “inculturação” fosse usada no sentido teológico atual<sup>7</sup>. Foi oficialmente usada na 32ª congregação da Companhia de Jesus em 1975, e mais tarde pelo Superior Geral dos jesuítas, P. Arrupe, na sua *Introdução à Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos em Roma*, a Evangelização no Mundo Moderno, 1974:

Inculturação é a encarnação da vida e mensagem cristãs num determinado ambiente cultural de tal maneira que a mensagem cristã não somente é expressa através dos elementos da cultura em questão (de ser assim, tratar-se-ia de uma adaptação superficial) mas também que a experiência se torne princípio inspirador e ao mesmo tempo norma unificadora que transforma e recria esta cultura e por consequência dê origem a uma nova criação<sup>8</sup>.

O termo entrou a fazer parte do *magistério* da Igreja quando o Papa S. João Paulo II o referiu explicitamente na alocução dirigida à *Comissão Bíblica Pontifícia* a 26 de Abril de 1979. Usou-o para exprimir um elemento do mistério da encarnação. Disse que uma das consequências da encarnação- o facto de que “Deus sempre comunica as suas maravilhas usando a linguagem e a experiência dos humanos”, é que as culturas são de grande valor. Uma vez que as culturas já contêm germes do Logos divino”... a voz da Igreja não tem medo de usar as expressões culturais contemporâneas: por analogia, elas são chamadas através da humanidade de Cristo a participar da dignidade do próprio Verbo divino”. Em *Catechesi tradendae*, S. João Paulo II retomou novamente a questão para afirmar que tal como a evangelização em geral,

*Deus sempre  
comunica as suas  
maravilhas usando  
a linguagem e a  
experiência dos  
humanos*

também a catequese está chamada a introduzir o poder do Evangelho no coração da cultura e das culturas. Para conseguir este objetivo, a catequese procurará conhecer as culturas e os seus componentes essenciais; aprenderá as suas expressões mais significativas; respeitará os valores e as riquezas particulares. Desta maneira, partindo da sua tradição viva, será capaz de oferecer a estas culturas o conhecimento do mistério escondido e ajudá-las a gerar, a partir dessa tradição viva, expressões originais da vida Cristã, celebração e doutrina<sup>9</sup>.

*o trabalho realizado pelos missionários Espiritanos antes do Concílio Vaticano II preparou a abordagem da evangelização, hoje conhecida como inculturação*

Desde então, a inculturação tornou-se o termo usado na reflexão teológica para designar o confronto entre o Evangelho e as culturas, Fé e culturas, Cristandade e culturas, de tal maneira que permite a inserção do Evangelho nos valores culturais dos diversos povos. Afirmar que os primeiros missionários Espiritanos realizaram trabalho de inculturação seria anacronismo. No entanto, é possível demonstrar -e esse é o alvo desta pesquisa- que o trabalho realizado pelos missionários Espiritanos antes do Concílio Vaticano II preparou a abordagem da evangelização, hoje conhecida como inculturação.

## **2. Desenvolvimento das Línguas e Tradução dos documentos da Igreja.**

### ***Origens da Aventura Missionária na África Ocidental.***

A difusão do Evangelho na África passou por diversas fases<sup>10</sup>. Nos primeiros séculos da cristandade teve lugar a evangelização do Egito e do Norte de África. Depois, numa segunda fase, envolvendo partes do continente ao sul do Sahará, a evangelização prosseguiu durante os séculos XV e XVI. A terceira fase foi o empreendimento missionário iniciado no século dezanove.

Foi preciso aguardar até ao século dezoito para a chegada dos primeiros missionários à parte ocidental da África. A cidade de S. Luis, no Senegal, foi fundada em 1638 e um século mais tarde, em 1763, foi erecta a Prefeitura Apostólica. Os primeiros Espiritanos chegaram a S.Luis em 1779<sup>11</sup>. Em 1787, escravos libertos, provenientes dos Estados Unidos (USA) estabeleceram-se em Freetown, capital da futura Serra Leoa que se tornou colónia Britânica em 1808. A maioria dos escravos eram de origem Igbo. Convertidos ao cristianismo em 1857 pediram aos membros da Sociedade Missionária Católica (CMS) que viessem em ajuda dos

seus irmãos e irmãs na Nigéria. Em 1816, outros migrantes dos USA chegaram à Libéria. Graças à insistência do Papa Gregório XVI a Propaganda Fide pediu ao bispo Baron de Filadélfia que se encarregasse da missão da Libéria. A 28 de Setembro de 1842 foi nomeado Vigário Apostólico das Duas Guinéas, um território de 7.408 quilómetros de extensão, desde o Senegal até ao Gabão, Congo e Angola.

Os primeiros Missionários da Sociedade do Sagrado Coração de Maria, fundada na França pelo P. Francisco Maria Paulo Libermann, chegaram à Libéria em Setembro de 1843. Em 1848, esta Congregação uniu-se à Congregação do Espírito Santo, fundada em Paris, França, em 1703 por Claudio Poullart des Places. A 20 de Junho de 1848, o P. Bessieux CSSp. foi nomeado Vigário Apostólico das Duas Guinéas.

Em 1872, um Espiritano Alsaciano, P. José Lutz, C.S.Sp. foi enviado para Freetown, -Serra Leoa. Nomeado mais tarde Vigário Apostólico do Baixo Níger, chegou a Onitsha no dia 5 de Dezembro de 1885 acompanhado do P. João Horné, C.S.Sp. e os Irmãos João Gotto Jacob, C.S.Sp. e Hermas Hüick, C.S.Sp. O crescimento da missão no território Igbo surpreendeu os próprios missionários. Foram beneficiados pela hospitalidade dos chefes locais, especialmente do Chefe Ogbonnaya Onyekomelu, Idigo 1 de Aguleri. O superior Geral dos Padres do Espírito Santo, P. Emonet pediu a Roma que erigisse a Prefeitura do Baixo Níger. Isto sucedeu em 1888 e a Prefeitura foi confiada ao P. Lutz. Sucederam-lhe outros Espiritanos, todos famosos, cada qual à sua maneira<sup>12</sup>; o P. Alberto Bubendorf, o P. João Cadio, o P. Francisco Xavier Lichtenberger, o P. Amado Ganot, P. Carlos Vogler, P. José Reling (1896-1898), P. Pawlas (1898-1900). O P. Alexandre Lejeune que chegou a Lambarene, Gabão, foi nomeado Prefeito Apostólico do Baixo Níger, successor do P. Lutz. Em 1902 o P. José Shanahan, irlandês, mas que também falava Francês por ter estado na França encarregado da Formação, veio para ajudar o P. Lejeune. Foi nomeado mais tarde, em 1920, Vigário Apostólico do Baixo Níger

Outros, como o P. José Treich (1909), o P. Carlos Heerey fundador das Irmãs do Imaculado Coração de Maria Mãe de Cristo e mais tarde Arcebispo de Onitsha(1950), e o P. José Whelan, mais tarde Vigário Apostólico de Owerri(1948) e primeiro bispo de Owerri(1950) etc. Após a Guerra do Biafra, o bispo Whelan foi preso juntamente com muitos dos seus sacerdotes e depois de dez dias na prisão foi expulso da Nigéria em 1970.

*O crescimento da  
missão no território  
Igbo surpreendeu os  
próprios missionários*

A Missão Espiritana no Ghana iniciou-se em 1971 por alguns dos missionários expulsos da Nigéria, depois da guerra civil.

### *Traduzindo a Mensagem*

#### **Nigéria**

*Eles acreditavam que nada se poderia conseguir se os missionários não falassem com o povo nas suas línguas locais*

**Linguagem e Cultura.** Os documentos dos três arquivos mencionados mais acima mostram que os primeiros missionários contribuíram para o desenvolvimento das línguas na Nigéria. Eles acreditavam que nada se poderia conseguir se os missionários não falassem com o povo nas suas línguas locais. Os primeiros missionários que produziram documentos para o estudo da língua Igbo foram os Protestantes, missionários da Sociedade Missionária da Igreja (CMS). O P. José Friderich Shön (CMS), filólogo eminente foi o primeiro a publicar *Vocabulário da Língua Igbo*, em 1843. Este texto, revisto por Samuel Ajayi Crowther foi publicado em 1882 (em Londres) com o título de *Vocabulário da Língua Igbo*. Foi seguido de *Gramática Elementar* de J.O.C Taylor em 1892. Esta ajudou Taylor a publicar as traduções dos Evangelhos de S. Mateus (1860), S. Marcos e S. Lucas (1864).

Os Espiritanos participaram ativamente no desenvolvimento da língua Igbo. Um Espiritano Francês, P. Amado Ganot, que chegou à Nigéria depois da saída do P. Lutz, aprendeu a língua Igbo, especialmente o dialeto de Onitsha. Com a ajuda de outro missionário francês, P. Carlos Vogler, publicou a *Gramática Igbo* em 1899<sup>13</sup>. Ganot reconheceu ter-se aproveitado das notas dos seus confrades, o P. Lutz, Lécuyer e P. Pawlas que foi Vigário Apostólico do Baixo Niger. Conseguiu diferenciar os diversos dialetos de acordo com as regiões. Por exemplo, foi capaz de descobrir as semelhanças entre o dialeto Igbo falado em Aguleri, Nsugbe, Ujuleti, Nteje, Ugwuele, Nando, Ibaku, Anam, Nti, Awka e Igbariam. Mais tarde a 4 de Março de 1904 Ganot publicou um *Dicionário: Inglês-Igbo-Francês*<sup>14</sup>, um livro de 306 páginas com 17.000 entradas. Esta publicação antecedeu outra: *O Rascunho de Dicionário francês-ibo-francês ika* do P. Carlo Zappa, S.M.A. e T. J. Dennis' *Dicionário da Língua Ibo* (1923)

O P. Alexandre Lejeune, C.S.Sp. também estimulou o estudo da língua Igbo e trabalhou pela sua expansão com a ajuda da sua equipa, especialmente, o Chefe de Onitsha, João Okolo, que foi batizado na Igreja Católica<sup>15</sup>.

O trabalho realizado pelos missionários serviu de base ao desenvolvimento da gramática e da literatura Igbo. Eles prepararam o terreno para os prodigiosos trabalhos de Frederico C. Ogbalu e Emmanuel Nwanolue Emenanjo etc. Ogbalu mais tarde fundou a Sociedade Promotora da Língua e da Cultura Igbo (1950), que se ocupou do problema da normalização da língua Igbo. Isto conduziu ao estabelecimento do Departamento da Língua e Cultura Igbo no Colégio da Educação, Alvan Ikolu, Owerri (1974). Um Departamento da Língua e Cultura Igbo foi fundado em 1974 com a abertura do Colégio Estatal da Educação, de Anambra, Awka, com Ogbalu como Chefe do Departamento e em Setembro do mesmo ano, um outro Departamento da Língua Igbo foi implantado no Colégio Federal de Professores Superiores, em Okene, no Estado de Kwara. A contribuição dos Espiritanos para o desenvolvimento das línguas noutras parte da Nigéria foi limitado porque a sua chegada a essas áreas foi tardia. Impacto mais notável foi o dos missionários SMA nas áreas onde se fala a língua Yoruba.

*O trabalho realizado pelos missionários serviu de base ao desenvolvimento da gramática e da literatura Igbo*

**Bíblia, Catecismos e Liturgia.** O P. Ganot com a ajuda de um homem chamado Sami, Chefe de Onitsha, publicou o primeiro Catecismo, *Katekism Ibo*, que é tradução exata do Catecismo de Cambrai, que nessa altura era usado nas dioceses de França<sup>16</sup>. Consta de 36 páginas e três secções. A secção nº1 apresenta as orações da manhã e da noite. A secção nº2 duas ladainhas do rosário e a secção nº3 é o catecismo de perguntas e respostas. Conclui com os mandamentos da Lei de Deus e os Mandamentos da Igreja. No final, há um canto: “Agamedjefu I.”

Em 1903 em Estrasburgo, França, foi editado um segundo catecismo com o título *Katekisma n'òkwukwe nzuko Katolik n'asusu igbo* (Catecismo da Fé Católica em Língua Igbo). Na introdução explica-se que o catecismo foi fruto do trabalho conjunto do P. Carlos Vogler com ajuda substancial do P. Lejeune e dos catequistas nativos: Efrém, Agha, Samuel Epundu e Jacob Tshukwumaka. As três primeiras páginas referem-se à pronúncia da língua Igbo. Mais tarde o *Katekism ik'obu okuzi ndi Katolik*, confeccionado pelo P. Zappa SMA, antes da sua morte em 1917, foi publicado em 1928.



O P. Paulo Biechy,  
C.S.Sp., publicou o  
*Catecismo da Religião  
Católica, Anwa, S.  
Pedro Claver, 1929.*  
Foi ajudado por  
uma equipa de 122  
catequistas

O Catecismo Igbo foi mais tarde simplificado e melhorado pelos missionários irlandeses com uma contribuição significativa do Bispo José B. Whelan. Este contribuiu para a edição de *Catechism Nke Mbu*, 1951 (Padres do Espírito Santo, Owerri) e *Catechism Nke Abo*.

Os Espiritanos na Nigéria também se dedicaram à publicação de outros livros de orações e de cantos. Alguns dos mais notáveis são: P. L. Treich C.S.Sp., *Livro de orações em língua Igbo*, 1922; *Ayiyo na Ukwé ndi katolik (Ibo/Ika)*, P.A. Niger sup.S.P.Claver, 1928; P. William Doolin, C.S.Sp., Livro de *Hinos em Igbo*, Onitsha, 1951; *Missa di Asol/Igbo*, Arquidiocese de Onitsha, Dublin, 1953.

Digna de ser mencionada é ainda uma publicação em língua Efik, embora com um título em Inglês: “*Catecismo da Religião Catholica*”, obra de outro espiritano francês, P. Luis Lena C.S.Sp. (M. C. Calabar 1908, reeditado por duas vezes; M. C. Anwa 1909, M.C.Calabar, 1915). O P. Lena esteve encarregado da sucursal chamada Velho Calabar, que mudou de nome para Calabar, em 1904<sup>17</sup>. Foi instrumento que contribuiu para o desenvolvimento das escolas no Calabar. Infelizmente, devido à sua nomeação para membro do Conselho Geral (da sua congregação) teve de sair inesperadamente da Nigéria em 1914.

O P. Paulo Biechy, C.S.Sp., publicou o *Catecismo da Religião Católica*, Anwa, S. Pedro Claver, 1929. Foi ajudado por uma equipa de 122 catequistas<sup>18</sup>. Foi reclamado pela França para o cargo de Mestre de Noviços em Chevilly-Larue, e mais tarde, em 1936, nomeado Vigário Apostóliuco de Brazzaville, no Congo. O P. José Kraft, também francês, que foi conhecido pelo seu contributo em favor das escolas no Calabar<sup>19</sup>, publicou um livro de cantos em Efik, Nwed Ikwo, M. C. Anwa, 1921. C.S.Sp.

Os Arquivos Espiritanos em Chevilly-Larue, Paris, também guardam a *História Bíblica Tiv-Inglês para Crianças*, confeccionada pelo P. Herbert Maher C.S.Sp., Makurdi, 1961. Despediu-se da Inglaterra, veio para a Nigéria em Dezembro de 1944, depois de alguns anos em Angola. Foi encarregado de uma sucursal em Gboko com mais de 2.300 Católicos e Catecúmenos.

## Senegal

*Os Espiritanos aprenderam as línguas Serer e Wolof... Dois deles, o P. Crétois e Berthault, foram oficialmente distinguidos pelo anterior Presidente Leopoldo Sedar Senghor*

**Lingua e Cultura.** Desde 1873, os espiritanos franceses começaram a publicar documentos nas línguas locais, especialmente na língua Wolof e Serer. Nos Arquivos Espiritanos de Chevilly-Larue, em Paris, há mais de 500 documentos em diversas línguas vernáculas. Entre esses documentos, há dicionários, gramáticas, coleções de contos populares, provérbios, livros sobre plantas, Bíblias, Catecismos, livros de Canto. Os Espiritanos aprenderam as línguas Serer e Wolof e os costumes populares, através do seu contacto com a gente. Dois deles, o P. Crétois e Berthault, foram oficialmente distinguidos pelo anterior Presidente Leopoldo Sedar Senghor.

A Missão do Senegal abrangia também a Guiné-Conakry e a Guiné-Bissau. No seu livro recente *Deus ou Nada*,<sup>20</sup> o Cardial Sarah presta uma homenagem vibrante aos missionários espiritanos que evangelizaram e educaram os seus antepassados. Ele observou que os Espiritanos no ensino do catecismo tanto usavam a língua do povo como o Francês.<sup>21</sup>

Aqui mencionaremos apenas alguns dos trabalhos mais relevantes levados a cabo pelos Espiritanos no Senegal : P. Lamoise C.S.Sp., *Gramática da língua Sérère*, Ngasobil, 1873; P. Greffier C.S.Sp., *Dictionnário Francês-Séer* (idioma do Sine), Ngasobil, 1901; *Dicionário Séer-Francês segundo o manuscrito do P. Ezanno*, C.S.Sp., precedido de um resumo da gramática Sérere, Joal, 1960; P. Ezanno, C.S.Sp., *Alguns provérbios Séer recolhidos em Fadiouth*, Anthropos, 1953. Estes estudos serviram de base para ulteriores estudos sobre as línguas vernáculas como a de Gabriel Manassy e Sérgio Sauvageol, *Estudos de Fonética e de gramática descritiva*, Universidade de Dakar, 1963. Um Botânico belga prossegue (a lista) até à data da obra monumental do P. Bertault.

**Bíblia, Catecismo e Liturgia.** Os Padres Ezanno, C.S.Sp., e Benvindo, C.S.Sp., que trabalharam na Guiné-Bissau, contribuíram muito para o desenvolvimento de textos litúrgicos. A maioria das traduções bíblicas, catecismos, livros de cantos foram editados antes do Concílio Vaticano II. São dignas de menção as traduções do Novo Testamento do P. Ezanno, C.S.Sp., o *ndyangit a sil a paktu la*, 1900; *Lépitir fô Lévandyl ka nâ dyangel Dimás o Dimás*, Missão Católica, Fadiouth, S. Pedro Claver, Roma, 1935.

Os Catecismos são abundantes: *Katisme Fana* (Senegambí e Senegal), Ngasobil 1886; *Katisme nâ dat kèrtèn katolik*, Missão Católica, Dakar, 1913; *Kao kin a hèlma e ndah té vâg o fadik na ardyana* (As verdades necessárias, Mons. LE ROY) tradução do P. Ezanno, Fadiouth, 1922; *Katésis mbat Akatin nâ dat kèrtèn katolik*, Missão de Fadiouth, S. Pedro Claver, Roma, 1927; *Katésis, Akatin nâ dat kèrtèn katolik* (com desenhos de R. Rigot), S. Pedro Claver, Roma, para a Diocese de Dakar, 1956, etc.

*Os Espiritanos conseguiram fundos notáveis para a edição de livros de cantos e de hinos*

Os Espiritanos conseguiram fundos notáveis para a edição de livros de cantos e de hinos.<sup>22</sup> Entre eles, *Canticos Wolof* (Vol. I Wolof) para as missões na Senegambia: 1876, 1880, 1904, 1925. O P. Ezanno C.S.Sp. também publicou um volume de hinos e cantos em Serer, *A kim a tedu, a serer fa late*, em 1933.

## Ghana

Os Padres do Espírito Santo que se viram obrigados a abandonar a Nigéria devido à Guerra do Biafra, chegaram a Kumasi no dia 30 de Outubro de 1971. O seu contributo para a missão no Ghana não pode incluído neste legado, anterior ao Concílio Vaticano II. A maior parte dos trabalhos disponíveis mas pertencentes a este período por nós escolhido foram obra da Sociedade das Missões Africanas (SMA)

## Serra Leoa

Embora os Espiritanos tenham chegado à Serra Leoa em 1864, a missão neste país cresceu lentamente, através de muitas dificuldades. Muitos missionários morreram devido às doenças e ao clima adverso. No entanto, a maior contribuição dos missionários Espiritanos na Serra Leoa aconteceu no campo da educação. No momento da independência da Grã-Bretanha, em 1961, os missionários Espiritanos, as Irmãs de São José de Cluny e as Irmãs do Santíssimo Rosário tinham a seu cargo a direcção de umas 300 escolas.

Os Arquivos Espiritanos na Irlanda registaram três catecismos editados em Mende pelos confrades: Rev. L. Shields, C.S.Sp., *Mende bè Goloy, Hèysia Katekisi, Kè Nguleysia ti hú, Mende Manual de Oração, Catecismo e Cantos*, Missão Católica de Sherbo, Serra Leoa, 1931; Rev. J. Jackson, C.S.Sp., *Mu Heisia*, Diocese Librae Urbis et Boensis; Rev. J. Jackson, *Mu Katekisi*, Diocese de Freetown e Bo, 1954.

### 3. Os Espiritanos como Precusores da Inculturação

*A tradução da Bíblia catecismos, e cantos nas línguas vernáculas marcaram o começo do processo de inculturação*

Quais são as implicações dos trabalhos levados a cabo por estes primeiros missionários? A tradução da Bíblia<sup>23</sup>, catecismos, e cantos nas línguas vernáculas marcaram o começo do processo de inculturação. Embora o objetivo de muitos destes trabalhos fosse a evangelização, tornaram-se também benéficos para o desenvolvimento da identidade cultural e do legado dos povos.

#### ***Abertura às Culturas e aos Povos: Instruções de Libermann***

A abordagem dos Espiritanos às culturas locais e às tradições foi influenciada por uma abertura radical e inovativa às culturas e aos povos, por parte do segundo Fundador, Francisco Libermann. Em 1844, Libermann apresentou à Propaganda Fide um document intitulado “Plano para a Salvação dos povos da Costa Africana”<sup>24</sup>. No âmago do Plano está a ideia da formação do clero indígena e dos catequistas em ordem à independência das igrejas locais, a quem os missionários deveriam confiar o trabalho da evangelização, o desenvolvimento das escolas, os trabalhos sociais, uma attitude positiva para com os povos e as culturas. Estas ideias por ele adiantadas influenciaram a Encíclica *Neminem profecto* do Papa Gregório XVI, publicada a 23 de Novembro de 1845. A Encíclica foi publicadada pelo Bispo Luquet, amigo íntimo de Libermann que pertencia à Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris. Foi nomeado para a Índia em 1842 e tomou parte no sínodo de Pondichery em 1844. Mais tarde foi escolhido pela Propaganda Fide para editor principal de *Neminem profecto*. Depois desta publicação, Libermann confeccionou outro “*Memorandum Sobre as Missões da África Negra em geral e da Guiné em particular*”, em 1846<sup>25</sup>. “Se a atividade missionária deve levar à implantação da Igreja numa dada região como comunidade cristã auto-sustentável, essa atividade deve estar imbuída da mentalidade, dos costumes e da cultura desse povo e não na civilização da terra de origem do missionário”<sup>26</sup>. Por isso, em 1847, Libermann enviou uma carta, descendo a pormenores, à comunidade de Dakar, pondo-a de sobreaviso sobre a influência dos mestres coloniais, cheios de preconceitos contra os Africanos. Ao contrário, os missionários devem escutar o povo e despir-se a si mesmos, da Europa tomando como exemplo a kenose de Jesus Cristo:

“Não julgueis segundo as primeiras impressões ou de acordo com os vossos hábitos europeus. Esquecei-vos da Europa, das suas maneiras de pensar, dos seus costumes, dos suas convenções. Tornai-vos Negros com os Negros e aprendereis como julgá-los e como deverão ser julgados. Fazei-vos Negros com os Negros de maneira a formá-los da melhor maneira que lhes é possível, não segundo as normas europeias, mas de acordo com a sua maneira de ser. Relacionai-vos com eles como se eles fossem os mestres e vós os seus servos, adaptando-vos ao seu estilo de fazer as coisas”<sup>27</sup>.

*A palavra Negro na sua boca significava escravo negro, sujeito a tratamentos desumanos nas colónias e na África nessa época*

A expressão “fazei-vos Negros com os Negros”, à primeira vista, poderá chocar muitas pessoas. Isto levou a uma reinterpretação do texto: “Fazei-vos a vós mesmos *pretos* com os *pretos*”<sup>28</sup>. No entanto, se queremos ser fiéis ao texto, deixemo-lo como está. Libermann sabia que a palavra *Negro* tinha conotação pejorativa. Usou-a aqui como uma provocação no contexto do século XIX, quando as pessoas, devido à sua cor e raça eram, tratadas de maneira desumana. Ele conhecia também a palavra *preto* que ele sempre usou em sentido positivo. À sua Congregação chamou-a “Obra dos Negros”. A palavra Negro na sua boca significava escravo negro, sujeito a tratamentos desumanos nas colónias e na África nessa época. Esta palavra é tradução da palavra usada por S. Paulo “dulos” em Filip. 2:6-11. Ela leva-nos à profundidade da reflexão libermaniana. Tornar-se *Negro* com os *Negros* significa fazer-se a si mesmo *escravo* dos escravos. A interpretação torna-se ainda mais radical quando, nas pegadas de Paulo, Libermann diz: “Sede para eles como os criados são para os seus mestres”, isto é os missionários deveriam tornar-se eles mesmos criados dos escravos, ou até escravos dos escravos.

Seria exagero afirmar que os missionários Espiritanos que trabalharam na África Ocidental tenham adoptado esta atitude mística. Não se pode negar o facto de alguns deles terem sido menos respeituosos dos povos e das suas culturas. Para alguns foi-lhes difícil despir-se da Europa e da mentalidade colonialista da época. Outros, devido a circunstâncias fora do seu controlo, foram incapazes de mergulhar na cultura local.

O Bispo Shanahan, da Nigéria do Sul, lamentou o facto de os seus confrades irlandeses serem muito frouxos na aprendizagem da língua Igbo. Isto provavelmente porque estavam demasiado envolvidos nas escolas, no contacto com o povo local. Mais ainda, havia uma pressão forte por

parte da Administração colonial no sentido de obrigar a aprendizagem do Inglês nas escolas<sup>29</sup>. Alguns historiadores acreditam que o crescimento numérico de pessoas que falavam Inglês reduziu o fosso entre os missionários e o povo; devido a isso os missionários não se sentiam a pressionados a aprender o Igbo. Os anais missionários e boletins da época documentam a explosão do interesse pela língua Inglesa entre os igbos. Isto foi certamente favorável aos missionários irlandeses. Um Espiritano nigeriano, teólogo e historiador, Carlos Ebelebe observou que:

“Os Espiritanos irlandeses descobriram rapidamente o amor dos Igbos pela novidade e pela mística da língua inglesa (...) Devido a essa descoberta do interesse pelo Inglês por parte dos Igbos, os Espiritanos irlandeses enfatizaram o ensino e a aprendizagem do Inglês nas suas escolas até ao ponto de negligenciar a aprendizagem do Igbo. Este foi um fator importante que contribuiu para a boa fama das suas escolas, em contraste com a Sociedade da Igreja Missionária que usava o Igbo como língua oficial nas suas escolas<sup>30</sup>.”

Anotou ainda que ... “a língua Inglesa desempenhou um papel importante a favor da Igreja Católica ao colocá-la em grau de superioridade em relação com a Sociedade da Igreja Missionária, sua rival no território Igbo<sup>31</sup>.”

Através da história dos Espiritanos, houve alguns membros da Congregação que chegaram muito longe na aprendizagem escrita e oral das línguas dos povos aos quais foram enviados. É bastante comum entre os Espiritanos haver quem fale e escreva três e mais línguas. A língua, é claro, é ponte essencial para conhecer aqueles com quem se vive e trabalha. Basta nomear o exemplo do beato Tiago Laval (1803-1864) um dos primeiros companheiros de Libermann. Hoje é conhecido como “Apóstolo da Maurícia”. Uma vez chegado à ilha aprendeu o Criolo e redigiu um Catecismo católico em Criolo servindo-se dele na catequese dos indígenas e fazer dos escravos homens de fé, livres.

*É bastante  
comum entre  
os Espiritanos  
haver quem fale  
e escreva três e  
mais línguas*

O P. Maillard chegou em 1735 ao Canadá Oriental para trabalhar entre os membros da tribo Micmac. Conseguiu dominar a sua língua, até ao ponto de inventar um alfabeto hieroglífico, que usou na publicação de uma gramática, um dicionário, além de um livro de orações, cantos e sermões... Distribuiu cópias dos seus manuscritos entre os diversos Chefes da tribo. Na ausência do sacerdote, o chefe deveria presidir ao Culto Dominical tal como o livro indicava e usar os textos para os batismos, os casamentos e os funerais<sup>32</sup>.

O P. Vicente Stegman, da Província dos Estados Unidos, trabalhou durante 30 anos na missão da Etiópia, entre membros da tribo Borana. Foi ele quem desenvolveu as coleções da língua Borana, redigiu comentários sobre os significados das palavras e textos Borana. O Espiritano holandês O P. Ton Leus, editou um Dicionário Borana no ano 2006. O P. Ralph Poirer pertenceu ao grupo de pioneiros Espiritanos que trabalharam entre membros da tribo Maasai, na Tanzania. Aprendeu a língua Maasai, publicou um Dicionário dessa língua e até produziu desenhos que ajudam a explicar as conexões entre a cultura Maasai e as parábolas do Evangelho.

*O Espiritano holandês O P. Ton Leus, editou um Dicionário Borana*

### ***O Impacto da Tradução na Identidade Cultural e no Legado***

O primeiro impacto chocante da tradução feita pelos missionários são as coleção de dados linguísticos e etnográficos, palavras, ritos, cerimónias, práticas, nomes de animais, de plantas, etc., e a fixação das línguas vernáculas. O historiador Larnin Sanneh observa que:

*O primeiro impacto chocante da tradução feita pelos missionários são as coleção de dados linguísticos e etnográficos ... e a fixação das línguas vernáculas*

“Primeiramente, a tarefa exigente e dolorosa da aprendizagem das línguas africanas, da produção de muitos e delicados materiais linguísticos científicos, como uma ajuda para a tradução, incluindo a criação de alfabetos - são conjunto de marcos que ficam a formar parte do património indígena. Eles redefiniram os valores materiais e intelectuais colocando-os solidamente encaixados no quadro da linguagem geral da consciência humana, e isto constitui material de um valor incalculável que, na histórica linha da frente do cruzamento cultural, deveria levar os Europeus a relacionar-se com os Africanos não como povos derrotados mas como povos possuidores inalienáveis das suas próprias línguas<sup>33</sup>.”

Segundo, a tradução da mensagem evangélica para as línguas vernáculas transformou o encontro entre a Cristandade e as culturas africanas. Este trabalho estimulou os Africanos a olhar para a Cristandade como instrumento da sua própria emancipação começando por dar-lhes consciência mais forte de serem parte de um mundo mais vasto. Por exemplo, deu-lhes a capacidade de elaborar conceitos referentes a Deus, em diálogo, ao mesmo nível dos conceitos sobre Deus da cultura Ocidental. Depois, tal como observa Sanneh, “os textos cristãos da Sagrada Escritura, proclamados como oráculo vernáculo, deram ao idioma nativo e às inspirações nele escondidas uma causa histórica, permitindo aos Africanos criar novos vocábulos mais adaptados ao seu progresso e possibilidades...”<sup>34</sup>.

### **Teologia da Inculturação Africana**

*Especulação Teológica.* O movimento iniciado pelos missionários espiritanos foi também factor determinante para o desenvolvimento da Teologia da Inculturação Africana. A primeira tentativa de uma teologia Africana foi obra de um grupo de sacerdotes jovens, da África, entre os quais o jesuíta camaronês, Meinrad Hebga, Vicente Mujlago (do Zaire), Robert Sastre (de Benin) e Gerardo Bissainthe, C.S.Sp do Haiti. Publicaram um livro, *Os sacerdotes negros perguntam*<sup>35</sup>, em 1956, no qual pediram que a Cristandade adoptasse a *Negritude*, as culturas e os valores negros. O grupo, liderado por Gerardo Bissainthe, serviu-se do Seminário Espiritano de Chevilly-Larue como lugar de encontro. Foi na verdade um laboratório fervescente do pensamento teológico sob a influência das informações fornecidas pelos missionários espiritanos que trabalhavam na África. Sob o ponto de vista de técnica editorial e de prudência política, foram beneficiados pela presença de um grande homem, o senegalês, Alioune Diop, que, na altura, liderava a Sociedade de Cultura Africana em Paris.

O movimento iniciado por este grupo seria um estímulo para a abertura às diversas culturas operada no Concílio Vaticano II. O mesmo grupo formou uma equipa que redigiu *Personalidade Africana e Catolicismo*, um manual que Alioune Diop ofereceu aos bispos africanos presentes no Concílio Vaticano II. Tarcísio Tschibangu, bispo emérito de Mbujumayi, DRC, que era perito do Concílio Vaticano II, testemunhou que o hobby formado e dirigido por este grupo influi na redação de AG 22, que previu que “dos costumes e tradições dos seus povos, da sua sabedoria e da

*O movimento iniciado pelos missionários espiritanos foi também factor determinante para o desenvolvimento da Teologia da Inculturação Africana*



sua aprendizagem, das suas artes e ciências, estas (jovens) Igrejas recebem todas as riquezas que podem contribuir para glória do seu Criador, a revelação da graça do seu Salvador, e a organização adequada da sua vida cristã”. (AG, 22) O Concílio também apelou à emergência da especulação teológica “em cada área sócio-cultural de grande dimensão”. Tal Teologia deveria estar enraizada nas culturas do povo, bem como na tradição cristã universal de tal maneira que “uma inspiração fresca se há-de ir introduzindo até florescer em atos e palavras que Deus deu a conhecer, que foram inscritas na Sagrada Escritura e que têm sido interpretadas pelos Padres da Igreja e pela autoridade docente da Igreja” (ibid.) Os teólogos africanos, mais tarde, tomaram o Concílio a sério e formularam propostas nas diversas disciplinas da teologia, que possibilitaram o dinamismo da Igreja em África hoje em dia.

*os missionários  
Espiritanos tinham  
dado passos  
agigantados na  
integração das  
diversas línguas  
dos seus povos  
na celebração do  
mistério da fé*

**Celebração da fé Cristã.** Muito antes de o Vaticano II ter autorizado oficialmente a integração das culturas, costumes e tradições na reflexão teológica (AG, 22), o uso das línguas vernáculas na liturgia (SC, 36, 63a; 100) e a “adaptação da Liturgia à cultura e tradições dos povos” (SC, 37-40), já os missionários Espiritanos tinham dado passos agigantados na integração das diversas línguas dos seus povos na celebração do mistério da fé.

Os riscos assumidos pelos missionários estimularam algumas reformas levadas a cabo pela Igreja. Depois de 1900, o número de Hinos latinos aumentou devido ao *Motu Proprio, Tra le sollecitudini* do Papa Pio X, sobre a Música Sacra, de 22 de Novembro de 1903. O Papa associou a universalidade da música ao Canto gregoriano. No entanto, a encíclica do Papa Pio XII *Musicae Sacrae Disciplina* (Dez. 1955, nº70), feliz pelo trabalho realizado pelos missionários, encorajou-os a promover os cantos religiosos no meio dos povos de tal maneira que eles possam “cantar numa língua e melodias familiares para eles”.

Nós vimos o trabalho enorme levado a cabo na tradução de cantos e na edição de livros de cantos. Como muito bem disse Jann Pasler, “assim se colocaram os alicerces para as coleções, a transcrição e o uso sistemático não só dos textos nativos já aplicados aos hinos religiosos Europeus, mas ainda à música de inspiração nativa nas missões Africanas. Isto significou a experimentação, de várias maneiras, que se ia fazendo do uso de melodias nativas aptas para inspirar sentimentos religiosos, com a colaboração de compositores nativos e criando novas coleções de cânticos<sup>36</sup>.”

*Os missionários  
espiritanos do Baixo  
Níger, no trabalho da  
Evangelização usaram  
muito os cantos*

Os missionários espiritanos do Baixo Níger, no trabalho da Evangelização usaram muito os cantos. O povo admirou como os missionários eram capazes de servir-se das línguas locais para redigir cantos. “Foi crucial para captar o interesse deles elaborar orações na língua da região, cantando os cantos que eles conheciam e compreendiam”.<sup>37</sup> Foi assim que as pessoas acudiram à igreja em grandes números. É verdade que os missionários usaram melodias de cantos franceses e ingleses que já conheciam, cujas letras foram traduzidos nas línguas locais. Isto revela o esforço realizado na tradução da mensagem cristã.

### **Conclusão**

Nesta reflexão defendemos que os missionários espiritanos, através de um árduo trabalho de articulação das línguas vernáculas e da tradução de documentos da Igreja, não só contribuíram para o desenvolvimento da identidade cultural e do legado dos povos por eles encontrados na África Ocidental, mas também inauguraram o que hoje em dia se chama a *Teologia da inculturação africana*.

Também demonstrámos que o trabalho de arrotear o terreno destes missionários influiu nas decisões do magistério da Igreja, especialmente a abertura às culturas do Vaticano II, às tradições e línguas vernáculas dos diversos povos.

*Isto não significa  
que os pioneiros  
Espiritanos que  
evangelizaram a  
África Ocidental  
tenham sido  
perfeitos*

Isto não significa que os pioneiros Espiritanos que evangelizaram a África Ocidental tenham sido perfeitos. A honestidade intelectual exige que as suas limitações sejam conhecidas e criticadas. No entanto, um exame mais cuidadoso do que esses missionários realmente fizeram, levanta uma questão séria sobre a teoria da *tabula rasa* que descaradamente declara que os missionários destruíram as culturas e as tradições africanas.

Nenhuma sociedade prepara o seu futuro difundindo lacunas dos seus antepassados. Os indivíduos de uma geração transmitem aos da outra o que é nobre, arquivado na memória, os contos sobre os seus antepassados. Isto estimula os jovens a buscar a excelência. As falhas do passado não se negam, mas a sabedoria pede que os nossos predecessores sejam desculpados das suas limitações, porque como diz um provérbio Igbo: “A mão não atira pedras até lá, onde chega o olhar”.

Quando tornamos presente o nosso legado de maneira positiva, sentimo-nos fortalecidos para enfrentar os desafios atuais da missão. Com que seriedade as igrejas locais assumem o desenvolvimento das línguas vernáculas? Que esforços se fazem para aprofundar a inculturação do Evangelho e do Culto Cristão nos diversos contextos, através da tradução da Bíblia, do desenvolvimento dos catecismos contextualizados, da publicação de leccionários e missais dignos da liturgia? Qual é a ligação entre a religiosidade dos nossos dias<sup>38</sup>, e a tarefa da inculturação, cujo alvo é a encarnação da mensagem evangélica num context particular, tal que possa possibilitar a uma nova criação? Estas são tarefas para os diplomados contemporâneos da Teologia da Inculturação Africana.

*Bede Uche Ukwuije, C.S.Sp.  
Primeiro Assistente Geral, Roma*

### **Notas de Rodapé**

<sup>1</sup>Conferência lida no 15º Simpósio de SIST (Simpósio do Instituto Internacional de Missiologia): O Legado dos Espiritanos na África Ocidental, Abril (22-26) 2016.

<sup>2</sup>Ver Saneeh, *Ao Encontro do Ocidente*, 86; Uzukwu, “A situação da Teologia na Nigéria, atualmente”; Komolafe, *a Transformação da Cristandade Africana*; Igochukwu, “As missões católicas francesas”; Coulon, “Sobre a tradução de um artigo do Credo no Congo (Brazzaville)”.

<sup>3</sup>Estou muito grato ao P. Roger Tabard, arquivista geral espiritano, Paris; ao P.Brian O’Toole, arquivista Espiritano e P. Trichet, SMA arquivista, Roma, pela sua colaboração e apoio.

<sup>4</sup>Ver Uzukwu, *Uma Igreja que escuta*, 4; Ebelebe, *África e o Novo Rosto da Missão*, 125; Bauer, *2000 Anos de Cristandade em África*, 104.

<sup>5</sup>Tal é já o caso de alguns trabalhos conhecidos, Nwosu, *a Igreja Católica em Onitsha*, idem, *O Laicado e o Crescimento da Igreja Católica na Nigéria*.

<sup>6</sup>Alguns trabalhos originais neste sentido são: Forristal, *o Segundo Enterro do Bispo Shanahan*; Ezeh, *Arcebispo Carlos Heerey*.

- <sup>7</sup>Ver Bosh, *Missão em transformação*, 456.
- <sup>8</sup>Calves, Pedro Arrupe; Escritos para evangelizar, 170 (tradução pessoal);
- <sup>9</sup>S. João Paulo II, *Catechesi tradendae*, nº53.
- <sup>10</sup>Ver S. João Paulo II, *Ecclesia in Africa*, nº30-34.
- <sup>11</sup>Ver Ugochukwu, “As missões católicas francesas,” 467; Koren, *Os Espiritanos*, 193- 218.
- <sup>12</sup>Ver Koren, *O Memorial Nigeriano Espiritano*, 1885-1995, 19, 29;
- <sup>13</sup>Ganot. *Gramática Ibo*, 1899.
- <sup>14</sup>Ganot, *Dicionário Inglês-Ibo-Francês*, 1904; Ver mais detalhes em Ugochukwu e Okafor, *dicionário igbo-francês*, 7-13;
- <sup>15</sup>Nwosu, *A Igreja Católica em Onitsha*, 129.
- <sup>16</sup>“As missões católicas francesas,” 478.
- <sup>17</sup>Koren, *O Memorial Nigeriano Espiritano*, 47.
- <sup>18</sup>*Ibid.*, 67.
- <sup>19</sup>*Ibid.*, 52.
- <sup>20</sup>2015.
- <sup>21</sup>*Ibid.*, 20, 37.
- <sup>22</sup>Ver Pasler, “Música Sacra nas missões de África,” 1290.
- <sup>23</sup>Ver Mundele, “Vitalidade da Tradução da Bíblia na língua Africana, 473-485; Noss, “Tradições da Tradução da Sagrada Escritura, 15.
- <sup>24</sup>*Antologia Espiritana*.
- <sup>25</sup>*Antologia Espiritana*.
- <sup>26</sup>Koren, *Os Espiritanos*, 175.
- <sup>27</sup>ND IX,330. *Antologia Espiritana*, 287 tradução errada “Sede Africanos com os Africanos”.
- <sup>28</sup>Ver explicações pormenorizadas no meu livro, *A Memória da Entrega Pessoal*, 44- 49.
- <sup>29</sup>Isichei, *Uma História do Povo Igbo*, 173.
- <sup>30</sup>Ebelebe, *África e o Novo Rosto da Missão*, 101.
- <sup>31</sup>*Ibid.*
- <sup>32</sup>Koren, *Os Espiritanos*, 38-39, 43.
- <sup>33</sup>Sanneh, *Ao Encontro do Ocidente*.
- <sup>34</sup>*Ibid.*

<sup>35</sup>Os sacerdotes negros perguntam-se. Conquenta anos depois, 2006.

<sup>36</sup>Pasler, “Música Sacra nas missões de África,” 1302.

<sup>37</sup>Ibid., 1290.

### Abreviações

AG Vaticano II, Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja, *Ad gentes*.

SC Vaticano II, Constituição da Sacrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*.

### Referências

Baur, John, *2000 Dois mil Anos de Cristandade na África: Uma história da Igreja Africana*, Nairobi, Pauline Publication, 2009.

Bosh, David, *Transforming Mission, Paradigm Shifts in Theology of Mission*, Maryknoll, New York, Orbis Books, 1991.

Calves, Yves, *Pedro Arrupe: Ecrits pour évangéliser*, Collection Christus n° 59, DDB, Paris, 1985.

Coulon, Paul, “Sur la traduction d’un article du *Credo* en Pays Kongo (Brazzaville): Notes historiques, anthropologiques, linguistiques et théologiques,” in *African Journal of Contextual Theology*, Vol 4, SIST, Enugu, June 2013, 133-147.

*Des prêtres noirs s’interrogent. Cinquante ans après*, edited by Leonard Santedi Kinkupu et al. Paris, Karthala/Présence Africaine, 2006.

*Des prêtres noirs s’interrogent. Rencontre*. Paris, Cerf, 1956.

Ebelebe, Charles, *Africa and the New Face of Mission: A Critical Assessment of the Legacy of the Irish Spiritans Among the Igbos of Southern Nigeria*, Lanham Maryland, University Press of America, 2009

Ekwunife, Anthony, *Spiritual Explosions, Reflections on Christian Lives and Practices in Nigerian Context*. Enugu, SNAAP Press, 2015.

Ezeh, Mary-Noelle Ethel, *Archbishop Charles Heerey and the History of the Church in Eastern Nigeria, 1890-1967*. Mumbai, St Paul’s Publication, 2005.

- Forristal, Desmond, *The Second Burial of Bishop Shanahan*, Dublin, Veritas, 1990.
- Ganot, Aimé, *Grammaire Ibo*, Onitsha, Catholic Mission, Paris, Holy Ghost Congregation, 1899.
- Ganot, *English-Ibo-French Dictionary*, Onitsha-Rome, Sodality of St Peter Claver, 1904.
- Isichei, Elisabeth, *A History of the Igbo People*. London, 1976.
- John Paul II, *Catechesi Tradendae, Apostolic Exhortation On Catechesis in Our Time*. Vatican City, 1979.
- John Paul II, *Ecclesia in Africa*, Post-Synodal Apostolic Exhortation, 1996.
- John Paul II, *Redemptoris missio, Encyclical Letter*, On the permanent Validity of the Church's Missionary Mandate. Vatican City, 1991.
- Komolafe, Sunday Jide, *The Transformation of African Christianity*, Langham, Cumbria, 2013.
- Koren, Henry, *The Spiritans. A History of the Congregation of the Holy Ghost*. Duquesne University, Pittsburgh, 1958.
- Koren, *Spiritans Nigeria Memorial 1885-1995*, Bethel Park, PA, Spiritus Press, 1996.
- Leus, Ton and Cynthia Salvadori, *Borana Dictionary*. Addis Ababa: Shama Books, 2006.
- Mundele, Ngengi Albert, "The Vitality of Bible Translation into African Languages in View of a Deeper Evangelization in Post-Colonial Africa," 473-485. In *L'Église en Afrique, 50 ans après les indépendances*, edited by Nathanael Soede et Ignace Ndongala. Abidjan, Éditions ATA, 2013.
- Noss, Philip A., "Traditions of Scripture Translation: a Pan-African Overview," 15-24. In *Bible Translation and African Languages*, edited by L. Gosnell, O. R. Yorke and Peter M. Renju. Nairobi, Acton Publishers, 2014.
- Nwosu, Vincent A. *The Catholic Church in Onitsha. People, Places and Events 1885-1985*, Onitsha, Etukokwu Press, 1985.
- . *Os Leigos e o crescimento da Igreja Católica na Nigéria. História de Onitsha*. Onitsha, Africana-Fep Publishers, 1990.

- Omenka, Nicholas Ibeawuchi, *The School in the Service of Evangelization – The Catholic Educational Impact in Eastern Nigeria 1886-1950*. Leiden-New York-Köln, Brill, 1989.
- Pasler, Jann, “Sacred Music in the African missions: Gregorian Chant, Cantiques, and Indigenous Musical Expression,” Pontificio Istituto di Musica Sacra, Rome Italy (28 May 2011).
- Sanneh, Lamin, *Encountering the West, Christianity and the Global Cultural Process*, Maryknoll, New York, Orbis Books, 1993.
- Sarah, Cardinal Robert, *God or Nothing*. San Francisco, Ignatius Press, 2015.
- Spiritual Anthology*, edited by Christian de Mare, with the collaboration of Joseph D’Ambrosio and Vincent O’Toole. Enugu, SNAAP Press, 2011
- Ugochukwu, Françoise and Peter Okafor, *Dictionnaire igbo-français*, Paris/Ibadan, Karthala/IFRA-Ibadan, 2004.
- Ugochukwu, Françoise, “Les missions catholiques françaises et le développement des études Igbo dans l’est du Nigéria, 1885-1930,” in *Cahiers d’Études Africaines*, XL (3) n° 159, Paris, 2000, 467-488
- Ukwuije, Bede, *The Memory of Self Donation, Meeting the Challenges of Mission*, Nairobi, Paulines, 2009.
- Uzukwu, Elochukwu, “The Situation of Theology in Nigeria at Present. The Challenges to be Faced,” in *Yearbook of Contextual Theologies*, 99, Aachen, IKO, 1994, 96-120;
- Uzukwu, Elochukwu, *A Listening Church. Autonomy and Communion on African Churches*, Maryknoll, New York, Orbis Books, 1996
- Verdin, Philippe, *Alioune Diop, le Socrate noir*. Lethielleux, Paris 2010.